

# Lições extraídas dos números da 'década perdida'

2000

RAPHAEL DE ALMEIDA MAGALHÃES

O nome pegou. A década dos 80 virou, em definitivo, a "década perdida". O tamanho da perda está agora ilustrado pelo IBGE. Deixou de ser, assim, uma mera figura de retórica da política ou dos cientistas políticos. São números, frios números, que retratam a extensão da tragédia. E por ela somos, de certa maneira, todos nós, por ação ou omissão, nós da elite dirigente, em parte responsáveis.

Não houve, no período, a não ser em momentos de exceção — salve o período do Plano Cruzado — crescimento econômico. O País estagnou. E a inflação, um vício constante na história do País, atingiu cifras nunca dantes navegadas. Cresceu, sempre, ano após ano, como se fosse uma maldição que o povo brasileiro não consegue exorcizar. Minimizada pela correção monetária que quebrou a vontade coletiva de lutar contra ela. E sem vontade coletiva não há como vencer a inflação.

Se não crescemos e se sucumbimos diante da inflação, invertemos, formidavelmente, a curva do crescimento demográfico. A taxa está, agora, abaixo de 2% ao ano. E a família modal é de três membros. Para os que pregam a modernidade, nada mais reconfortante. Nestas duas matérias estamos no figurino da hora. E chegamos lá sem política pública de controle populacional como pregavam os mais conservadores e autoritários como forma racional de enfrentamento da questão da miséria e da pobreza.

Chegamos lá porque somos, antes de tudo, uma so-

ciedade de contrastes. E ela surge nua e transparente tal como desenhada pelos números do IBGE. A população rural diminuiu como acontece nos países avançados. O número de domicílios servidos por energia elétrica quase iguala o número de domicílios urbanos. São mais de 75% os domicílios brasileiros com televisão. E o rádio está ao alcance de todas as brasileiras e de todos os brasileiros. Somos, assim, do ponto de vista do sistema de comunicação de massa, um País moderno. E foi pela mídia, símbolo da modernidade, que entrou o controle populacional, outro símbolo da modernidade. Sem interferência do Estado, por decisão das pessoas, como deve ser.

A vergonha da década é a concentração da renda. Se já era indefensável nos anos 70 piorou ainda mais. Os ricos ficaram mais ricos. Os mais pobres empobreceram mais ainda. E o resultado combinado da inflação com a estagnação. O resultado combinado da inflação com a estagnação. Sobretudo da inflação que destruiu os salários reais. Com a indexação e tudo, com correção monetária e tudo. E que tornou os mais ricos os sócios privilegiados da combinação da inflação, estagnação e indexação.

Pagamos, no período, lá fora, uma dívida que nos deixou exangues. Pagamos, aqui, para poder servir a dívida lá de fora, juros substanciais aos que tinham dinheiro. Com isto quebramos o Estado, paramos o crescimento econômico e concentrarmos a renda. Tudo isto corre dos números do IBGE. A partir deles, sem buscar culpados individuais, a minha esperança é que possamos iniciar um fecundo debate para encontrarmos, agora, os caminhos que não achamos na década perdida. Para que, ao menos nisto, nos servindo de lição, não seja, como no resto, um tempo perdido.